

Quais os entendimentos que os estudantes de Educação Física têm da escola?

Pedro da Silva Silveira*
Orientador: Vicente Molina Neto

A Escola de Educação Física da UFRGS (ESEF), vem há mais de um ano discutindo a fundo questões referentes ao currículo. Esses debates foram iniciados ainda no final de 2008, mas tiveram seu auge no começo do segundo semestre de 2009, com o lançamento nacional da campanha "A Educação Física é uma só: formação unificada já!", através da Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física (ExNEEF). O problema de pesquisa surge a partir dessas discussões e tem como principal pergunta: Qual o entendimento de Escola que tem os estudantes de Educação física da UFRGS? Para tentar responder o problema a presente pesquisa busca fazer uma revisão bibliográfica sobre o que é escola, após realizar ida a campo para fazer observações em disciplinas que falem de escola e por último realizar entrevistas com estudantes de educação física. No presente momento a pesquisa encontra-se em fase de coleta de dados e ida a campo. Este trabalho busca apresentar os principais pontos da revisão bibliográfica.

O pensamento hegemônico que existe em nossa sociedade sobre educação é entendê-la como messiânica, ou seja, que a educação através da escola pode resolver os problemas da sociedade.

Antonio Latieri afirma que a escola tem uma funcionalidade social: "O capitalismo de hoje de fato não recusa o direito à escola: o que ele recusa é mudar a função social da escola". (GORZ, A. 1996 p. 202).

Para Frigotto (1989), a escola é extremamente produtiva para o capitalismo, e sua produtividade se materializa de diversas formas; a principal delas é o fato de ser improdutiva para a formação humana. A desqualificação da escola, então, não pode ser vista apenas como resultante das "limitações" dos recursos financeiros ou da incompetência dos educadores, mas como uma consequência do tipo de mediação que ela realiza no interior do modo de produção capitalista.

Paul Willis (1991) explicita que a escola não possibilita aos jovens de bairros operários outra

realidade senão ir para a fábrica e que poucos questionam essa situação, uma vez que foram condicionados pela escola a entendê-la somente como um meio para chegar ao mercado de trabalho.

Após revisão bibliográfica, pode-se perceber que há um sentido de escola transmitido hegemonicamente, entendendo por hegemonia

Um processo que expressa a consciência e os valores organizados praticamente por significados específicos e dominantes, num processo social vivido de maneira contraditória, incompleta e até muitas vezes difusa. Numa palavra, a hegemonia de um grupo social equivale à cultura que esse grupo conseguiu generalizar para outros segmentos sociais. A hegemonia é idêntica à cultura, mas é algo mais que a cultura porque, além de tudo, inclui necessariamente uma distribuição específica de poder, de hierarquia e de influência (GRAMSCI, 1932-1934. pXX).

Esse sentido serve, para reproduzir a exploração do capital, e é, portanto, produzido e reproduzido pela classe dominante, entendendo que nossa sociedade possui duas classes antagônicas:

A sociedade burguesa moderna, oriunda do esfacelamento da sociedade feudal, não suprimiu a oposição de classes. Limitou-se a substituir as antigas classes por novas classes, por novas condições de opressão, por novas formas de luta. O que distingue nossa época - a época da burguesia - é ter simplificado a oposição de classe. Cada vez mais, a sociedade inteira divide-se em dois grandes blocos inimigos, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado. (MARX & ENGELS, 2009 p24).

Esse trabalho é desenvolvido de um ponto de vista crítico, que desenvolvi durante cinco anos de militância do Movimento Estudantil de Educação Física. A revisão bibliográfica permite ter contato com diversos autores que não circulam nas disciplinas de educação física da UFRGS.

Referências:

- FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva. Cortez Editora/Autores Associados: São Paulo, 1989
- GORZ, A. Crítica da Divisão do Trabalho. Martins Fontes: São Paulo 1996
- GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere n.13, 1932-1934.
- MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. L&PM: São Paulo, 2002.
- WILLIS, P. Aprendendo a ser Trabalhador. Artes Médicas, São Paulo. 1991

vescola

*Graduando em Licenciatura em Educação Física e bolsista da FAPERGS no Grupo de Pesquisa F3P-EFICE/ESEF/UFRGS

Contato: pedro.efi.ufrgs@gmail.com